

## **NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA: CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS HISTORICAMENTE MARCADOS**

## **NEGRO EN LA LITERATURA BRASILEÑA: CONSTRUCCIÓN DE ESTEREOTIPOS HISTÓRICAMENTE MARCADOS**

Jerônimo Cavalcante Dantas da Silva<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Esse artigo tem como objetivo analisar o percurso de construção de personagens negras na literatura brasileira a partir de estereótipos historicamente marcados. A Fundamentação Teórica baseia-se nos estudos sobre a Teoria da Literatura e a História da Educação sob um viés interdisciplinar. A Metodologia é do tipo Documental, partindo do pressuposto de que os fragmentos analisados, extraídos de obras literárias nacionais consagradas, marcam um comportamento do negro já bastante presente nos escritos literários no Brasil. A abordagem é qualitativa em razão do caráter subjetivo e interpretativista com o qual os fragmentos são tratados. Os dados revelam a tentativa de perpetuação da imagem do negro submisso e vitimizado, resumido à execução de trabalhos domésticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Afro. História do Brasil. Literatura.

### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo analizar el camino de construcción de personajes negros en la literatura brasileña a partir de estereotipos históricamente marcados. La teoría se basa en estudios sobre la Literatura y la Historia de la Educación desde una perspectiva interdisciplinar. La Metodología es de tipo Documental, partiendo del supuesto de que los fragmentos analizados, extraídos de reconocidas obras literarias nacionales, marcan un comportamiento del negro ya bastante presente en los escritos literarios de Brasil. El abordaje es cualitativo debido al carácter subjetivo e interpretativo con el que se tratan los fragmentos. Los datos revelan el intento de perpetuar la imagen del negro sumiso y victimizado, resumido en la ejecución de las tareas del hogar.

**PALABRAS CLAVE:** Cultura Afro. Historia de Brasil. Literatura.

## **1 INTRODUÇÃO**

A luta pela inserção social justa da figura do negro é objeto latente de estudos científicos, sobretudo no Brasil, onde as concepções afrodescendentes fazem parte da constituição biológica e histórica de seu povo. Nesse sentido, pesquisadores de todas as

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade São Gabriel (FSG). Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: jeronimocdds@gmail.com.

áreas do conhecimento parece sem interessarem pela referida temática em seus diversos prismas.

Nesse artigo, procuramos analisar o percurso de construção de personagens negras na literatura brasileira a partir de estereótipos historicamente marcados. Esse objetivo parece semiotizar questões relacionadas a um percurso de evolução histórica, refletido em diversas manifestações sociais, como, por exemplo, a literatura brasileira, bem como seus desdobramentos previstos na base curricular nacional.

A metodologia que empregamos é do tipo documental de abordagem qualitativa. Para isso, compreendemos a filosofia fenomenológica como ponto de partida, a julgar pela natureza com a qual os fenômenos sociais parecem se costurar em uma atmosfera social maior, no caso o comportamento humano fora do âmbito escolar. Nesse sentido, concordamos com Triviños (1987) ao entender a Fenomenologia como uma perspectiva filosófica bastante presente e comum nos estudos sociais e humanos no âmbito científico, uma vez que capta a alma intersubjetiva da concepção dos fenômenos sociais, o que nos parece ser bastante válido.

O tipo documental se baseia no fato de entendermos as obras analisadas como documentos passíveis de tratamento científico, partindo do princípio de que ilustram comportamentos sociais historicamente marcados, o que comprova a evolução, ou não, na cultura afro no Brasil. Portanto, o sentido de aferimos à pesquisa documental é condizente com os trabalhos de Sá-Silva *et al* (2009) e Cellard (2008), os quais propõem uma visão indissociável entre o que é documentado e o comportamento e mentalidade humana.

Já a abordagem qualitativa está ancorada em Bortoni-Ricardo (2008), ao afirmar que, no campo da educação, a referida abordagem é de extrema importância, partindo do pressuposto de que contribui para uma análise mais subjetiva, condizente com o comportamento humano.

Esperamos que este artigo sirva de ponto inicial para outras discussões semelhantes, tendo em vista que isso pode reverter em ganhos ao processo educacional, seja da literatura seja da história, a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva dos fatos sociais.

## **2 LITERATURA BRASILEIRA: UM OLHAR HISTÓRICO**

A literatura brasileira tem direta influência da literatura lusitana, em razão do processo histórico de colonização e fusão cultural a partir disso. Diante disso, em termos didáticos, a literatura nacional teve seu início marcado pelas cartas dos colonizadores enviadas à Coroa Portuguesa em um período que denominamos de “Quinhentismo”, marcado pelas primeiras impressões das grandes navegações.

Nesse sentido, o maior exemplo que temos são as cartas que Pero Vaz de Caminha enviava à Portugal relatando e descrevendo características físicas da paisagem e do povo indígena, já encontrado por aqui.

Pela perspectiva histórica, Moisés (1995) destaca que a literatura sempre endossou o momento em que a sociedade se constituía, ao afirmar que:

Em consonância com o próprio espírito e sentido da colonização e expansão do Brasil, natural se tornou que o conhecimento e reconhecimento da terra ocupasse as atenções de toda a gente no transcurso do século XVI, e mesmo da centúria seguinte. Desde a Carta, de Pêro Vaz de Caminha, com seu declarado intuito de oferecer exata informação da terra, até Antonil, nos fins de Seiscentos, é patente o interesse oficial e particular por tudo quanto contribuisse para melhor explorar e civilizar o solo inóspito (MOISÉS, 1995, p. 51).

Atualmente, existem poucos registros acerca das cartas de Caminha. Escritas em pergaminhos, muitos de seus excertos foram decompostos no decorrer dos tempos, deixando muitas informações não muito claras (cf. MOISÉS, 1997).

Entretanto, os pesquisadores que versam suas investigações sobre acreditam que a escassez de informações, na verdade, é também uma espécie de dado de pesquisa, partindo do pressuposto de que a ausência de informações pode denunciar, de alguma forma, práticas sociais desenvolvidas com o tempo sobre a literatura quinhentista.

Anos mais tarde, o desejo do Brasil em tornar-se independente de Portugal começou a ser transposto para literatura. O Brasil, na ocasião de sua independência, começou a desenvolver a vontade de desvincular-se da metrópole não apenas em seu sentido econômico e político, mas também do ponto e vista cultural. Nesse ponto que a literatura passou a ser vista como uma espécie de válvula de escape no que se refere à fuga e concretização desse desejo.

Movida por este espírito de libertação e autonomia, a literatura brasileira foi desenvolvida durante os anos, até os dias atuais. Logo, é possível afirmar que a literatura

nacional se constituiu por meio de um espírito de autoafirmação e autoimposição, utilizando, para isso, a ilustração de histórias com enredos tipicamente brasileiros.

O termo “autonomia, utilizado nessa abordagem, parte dos estudos de Freire (1987), quando o autor problematiza a questão do aluno capaz de construir sozinho sentidos eficazes para seu desenrolar social. Assim, trata-se do desenvolvimento da habilidade de reflexão a respeito da própria linguagem, partindo do pressuposto de questões sociais e culturais que podem condicionar esse desempenho.

Evidentemente, esse pressuposto tem se recombinado com os anos, porém com o mesmo objetivo: conservar o espírito nacionalista e, com isso, redesenhar uma ficção a mais nacional possível.

De acordo com Moisés (1997), esses apetrechos não se tratam apenas “um simples instrumento, pois está identificada a ideia que transmite” (p. 239). Logo, são, na verdade, recursos de uma estilística particular que se recombina em diversas razões.

Abaixo, o Quadro 1, no qual é possível ver o mapeamento das escolas literárias brasileiras e a maneira com a qual a literatura brasileira se constituiu a partir dessa linha do tempo.

Vale ressaltar que isso é, na verdade, um mapeamento didático para auxiliar na compreensão da holística da literatura nacional, partindo do princípio de que tais escolas literárias também configuram o cenário literário europeu, porém com sentimentos diferentes.

**Quadro 1:** Linha do Tempo da Literatura Brasileira

<b>PERÍODO</b>	<b>ESCOLA LITERÁRIA</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
1500	Quinhentismo	Início das práticas literárias no Brasil, sendo apenas a reprodução da cultura europeia, semiotizada por cartas enviadas à Coroa Portuguesa.
1600	Barroco	Período de forte apelo religioso, mas ainda fortemente influenciado pelas práticas sociais europeias.
1700	Arcadismo	Período de culto à natureza e à vida no campo. Embora diretamente influenciado por Portugal, já demonstrava ligeiros sinais de valorização do espaço brasileiro, por meio das localizações espaciais nos escritos literários.
1800	Romantismo	Período de culto à figura do índio brasileiro como estratégia de emancipação da política, ideológica, econômica e cultural do Brasil. Teor ufanista e idealização do homem.

1880	Realismo/Naturalismo/ Parnasianismo	Propagação do homem de maneira mais próxima de sua realidade/Valorização de aspectos naturais do corpo humano/Valorização da forma e métrica poética na composição de versos.
1890	Simbolismo	Retomada à temática religiosa barroca, porém de maneira mais subjetiva e metafísica.
1900	Pré-Modernismo	Início de inquietações de uma literatura mais ousada e cada vez menos dependente de Portugal.
1922	Modernismo	Início de uma nova fase da literatura nacional, acoplando elementos nacionalistas ainda nunca propagados de maneira sistematizada.

Fonte: Autoria Própria

O Quadro 1 é constituído por 3 colunas, a saber: i) período histórico que, didaticamente, inaugura a referida escola literária; ii) escola literária a que se refere o dito período; iii) respectivas características das escolas literárias.

Concordamos com Silva (1993) ao afirmar que “a heterogeneidade da literatura não se observa, todavia, apenas no plano diacrônico: manifesta-se igualmente no plano sincrônico, em conexão com fatores variáveis de natureza sociocultural” (p. 31).

Por fim, percebemos a busca da literatura brasileira por uma autonomia e, assim, tornar-se cada vez mais distante do estilo europeu. Entretanto, ainda assim, a literatura no Brasil tem influência portuguesa ainda hoje, mesmo que em frequência bem menor que outrora.

### **3 CULTURA AFRO NO BRASIL E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

A cultura brasileira é, sem dúvida, um mosaico de outras culturas que se costumam em um determinado tempo e espaço social. Nesse sentido, reiteramos a premissa de que o Brasil é um país multicultural desde sua colonização até hoje, tal como asseveram as pesquisas de Oliven (2001).

Primeiramente, devemos considerar a pluralidade de significados que temos para o termo “cultura”. Do ponto de vista sociológico e antropológico, a cultura pode ser entendida dentro da esfera de conjuntos comportamentais, relacionais e linguísticos de um determinado grupo social, tal como se percebe nos trabalhos de Hanks (2008) e Gomes-Pereira (2013).

O primeiro se apoia na herança científica deixada por Bakhtin e Bourdieu e relativiza, justamente, as relações das pessoas imersas a situações dialógicas específicas. Já o segundo investiga o processo de diversidade cultura dentro de países lusófonos que, mesmo falando o mesmo idioma, apresentam comportamentos divergentes em todos os âmbitos da convivência humana, inclusive na escrita.

Nesse sentido, estamos intrinsecamente falando de que uma cultura não se constitui sozinha, pois é impossível se isolar e não sofrer influências diversas advindas de todas as partes do mundo. Estamos, pois, nos referindo àquilo que se convencionou chamar de “multiculturalismo”.

A ideia de complexo de culturas e/ou multiplicidade de costumes, contempladas pelo próprio termo, nos convida a repensar de que maneira a literatura afrodescendente representa hábitos e costumes africanos e brasileiros de maneira simultânea, fazendo-as comungar de perspectivas sociais e pedagógicas semelhantes. De acordo com Frederico (2016), o multiculturalismo “repõe a oposição entre universal e particular referida não mais às categorias da lógica, mas para dar conta do embate entre os direitos universais consagrados pela Revolução Francesa” (p. 241).

Dessa maneira, do ponto de vista histórico, é impossível estabelecer uma linha divisória clara e objetiva entre aquilo que é brasileiro daquilo que é afrodescendente. Isso porque, secularmente, as duas culturas se entrelaçam e constituem o mosaico cultural de um dos maiores países latinos.

Da mesma forma como torna-se complexa a definição de “cultura”, mostra-se igualmente complexa a discussão sobre o termo “estereótipo”. Este, por sua vez, é amplamente problematizado no campo da Filosofia, da Sociologia e, sobretudo, da Antropologia.

De acordo com Pereira *et al* (2011), o estereótipo se baseia em conceitos pré-concebidos que vão sendo disseminados pela sociedade ao ponto de não termos precisão de sua origem. Há, certamente, discussões que procuram justificar seu sentido ou existência, mas nada que seja substancial a ponto de se basear em certezas, ainda que efêmeras.

Nesse sentido, temos vários estereótipos na cultura brasileira, ou pelo menos perpetuados por ela, tais como o estereótipo da loira burra, do baiano preguiçoso, do Brasil ser o país do futebol e da corrupção, etc. No que concerne aos estereótipos da cultura afro, temos alguns elencados nas projeções de análise, ao final deste artigo.

Por fim, é necessário compreendermos que cultura, multiculturalismo e estereótipos são questões bastante relativas e, ao mesmo tempo, inseparáveis. Os estereótipos são perpetuados justamente pela multiplicidade de culturas que convergem e dialogam entre si, dentro de um determinado tempo e espaço.

#### **4 LITERATURA AFRO NO CURRÍCULO BRASILEIRO**

A literatura afro também sofreu, e continua sofrendo, muita dificuldade para se firmar nas bases curriculares nacionais. Isso devido ao processo de desvozeamento do negro, já historicamente marcado, bem como à falta de pensamento de muitos em reconhecer a importância deste tipo de literatura no desenvolvimento do senso crítico do aluno.

Nesse sentido, devemos considerar a complexidade do termo “currículo”, amplamente discutido nos estudos que têm as Ciências da Educação como principal viés teórico. De maneira holística, a definição de “currículo” é mais ampla do que aparenta. Para abarcar, didaticamente, essa discussão, corroboramos com os trabalhos de Arroyo (2013) e Silva (2010), que, apesar de tratarem o currículo como resultado de políticas públicas maiores, o percebem de maneira peculiar.

Para Arroyo (2013), o currículo é um processo de construção de políticas públicas maiores que têm como objetivo organizar as modalidades diferentes do ensino, bem como disponibilizar as disciplinas, ou componentes curriculares, de acordo com as habilidades e competências em que operam.

Já Silva (2010), avança nas discussões por um viés mais sociológico, ao considerar o currículo como um espaço de disputas de forças e ideologias dentro do ambiente educacional. Nesse sentido, o autor considera os termos “vozeamento” e “desvozeamento” como qualificadores típicos das políticas curriculares. Estes, por sua vez, polarizam o currículo ideologicamente, a partir daquilo que é valorizado em detrimento daquilo que é deixado à margem ou pouco focado.

Nesse aspecto, consideramos a Literatura, em sua dimensão disciplinarizada, com um componente que nunca teve o devido destaque nas bases curriculares. Considerando o caráter indagativo, questionador, histórico e estético da literatura, acreditamos que seu ensino seja fundamental na formação do cidadão, tal como se apresenta na pesquisa de Gomes-Pereira, Lima e Franco (2015).

Ainda segundo os autores, por outro lado, a Literatura, por vezes, é difundida ao ensino de História ou Língua Portuguesa ou Estrangeira, o que dificulta a identificação e reflexão de sua essência, muitas vezes. Na maior parte dos casos, a literatura serve como pretexto para o ensino desconexo da gramática ou para um ensino de história ainda bastante abstrato.

Dentro desse desvozeamento, ainda identificamos as especificidades da Literatura Afro no currículo brasileiro. Advinda de uma realidade já repleta de pontos passíveis de melhora e adequação, a literatura de raiz africana ainda é pouco utilizada como objeto pedagogicamente engajado, assim como revela as investigações de Fontenelle e Cavalcante (2020).

Raramente, a literatura afro é ferramenta pedagógica nas aulas da educação básica e superior. E, quando ocorre, em muitos casos, é vista como uma literatura atípica, fora dos padrões daquelas já costumeiramente escolarizadas, como a Brasileira, Lusitana e Inglesa, por exemplo (cf. FONTENELLE, CAVALCANTE, 2020).

Por fim, não estamos aqui desconsiderando os avanços históricos que a literatura afro tem apresentado face às políticas curriculares. Pelo contrário. Reconhecemos que muito já foi feito, porém muito falta a se fazer também. Por se tratar de uma temática historicamente marcada pelo teor pejorativo e preconceituoso, vozeá-la requer tempo e, com isso, entender como algo processual. Logo, passível de constante mutação.

## **5 DISCUTINDO O PAPEL DO NEGRO NA LITERATURA NACIONAL**

Aqui, fazemos algumas inserções de análise a partir do que fora discutido nas partes anteriores neste artigo. Nesse sentido, buscamos sentidos nos fragmentos de excertos da literatura brasileira, nos quais há uma representação estereotipada do negro nos manuscritos. Assim, buscamos artefatos históricos que possam auxiliar na construção de sentidos que buscamos. Os excertos são seguidos pelo título do livro e pelo autor da obra.

Abaixo, segue o Fragmento 01, extraído do livro “Reinações de Narizinho”, escrito por Monteiro Lobato. Trata-se de um clássico da literatura infanto-juvenil brasileiro.



#### FRAGMENTO 01

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. – Que não seja boba e venha – disse Narizinho – eu dou uma explicação ao respeitável público (...) – Respeitável público, tenho a honra de apresentar (...) a Princesa Nastácia. Não reparem por ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura (**Reinações De Narizinho, Monteiro Lobato**).

No fragmento acima, Tia Nastácia parece estar evitando participar de uma conversa com o grupo de amigos da família para qual trabalha. O motivo reside no fato de ser a única “preta” em meio aos demais. Diante disso, esconde-se na cozinha, lugar que pertence aos menos favorecidos e subalternos.

Os termos “vergonha, coitada, por ser preta”, “respeitável público” e “preta só por fora” refletem bem a postura de inferiorização feita a respeito da personagem em questão. O qualificador “preto” parece não reforçar a descendência em si de Nastácia, mas sim sugere um tom de zombaria pela sua cor. O mesmo confere ao uso do termo “respeitável”, que relaciona o fato de ser afrodescendente a algo circense e, por natureza, ridícula.

O estereótipo que identificamos nesse fragmento é o do “negro infantilizado”, partindo do princípio de que Tia Nastácia parece fugir dos demais tal como uma criança em desespero, mas, ao mesmo tempo, sem razão explícita para isso. Tal afirmação se justifica pelo fato da personagem Narizinho, branca, demonstrar mais maturidade diante da situação ao verbalizar que não há nada demais em ser “preta”. Essa dissonância de posturas, contratadas pelas cores das personagens, reforça o perfil de um negro que, apesar de ser adulto e experiente, não consegue avançar em suas atitudes emocionais e mentais.

Abaixo, segue o Fragmento 02, extraído do poema “A Cruz da Estrada”, escrito por Castro Alves, um dos maiores nomes do Romantismo Brasileiro.

#### FRAGMENTO 2

Caminheiro! do escravo desgraçado  
O sono agora mesmo começou!  
Não lhe toques no leito de noivado,  
Há pouco a liberdade o desposou.

(**A Cruz da Estrada, Castro Alves**).

No fragmento acima, há a descrição de um eu lírico que parece viver em um mundo de dor e conflitos de todos os tipos. Nesse sentido, o negro continua na posição passiva de processo de segregação racial que, de alguma forma, sugira também que a liberdade já seja algo palpável para si.

Os termos “desgraçado”, “sono” e “desposou” sugerem, sutilmente, o turbilhão de sentimentos que o eu lírico se encontra. Ao se intitular “desgraçado”, o eu poemático parece resgatar um espírito de dor e de sobrecarga, típicos da era da escravidão. Essa sensação é reforçada ao falar sobre o “sono” que o envolve, refazendo uma suposta referência às noites de tormentos, perseguição e maus tratos que passara. E, ainda assim, já casado com a liberdade, indicado pelo “desposou”, não se sente livre como deveria. Esses conflitos existenciais do negro são latentes nas obras de Castro Alves, já bastante discutidas na teoria da literatura brasileira.

O estereótipo que identificamos nesse fragmento é o do “negro vítima”, partindo do princípio de que o eu lírico ainda se sente nas amarras da escravidão, quando “não necessariamente” poderia ou deveria se sentir assim. O ato de se vitimizar é também um forte estereótipo historicamente marcado não apenas pelo negro, mas pelos grupos marginalizados como um todo. Na literatura, é comum encontrarmos negros que se colocam na condição de vítima dentro de um enredo que parece ter se tornado uma espécie de padrão.

Abaixo, segue o Fragmento 03, extraído do livro “O Cortiço”, escrito por Aluísio Azevedo, um dos maiores autores da literatura nacional.

### FRAGMENTO 3

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem (**O Cortiço, Aluísio Azevedo**).

No fragmento acima, Bertoleza é descrita como uma negra sem muita utilidade para construção da estrutura fabular de “O Cortiço”. Conforme a descrição, trata-se, apenas, de uma serviçal atrapalhada que nunca haveria de abandonar a condição de escrava devido ao seu jeito maltrapilho e atrapalhado.

A descrição posta em evidência é bastante forte em suas colocações, típicas do Realismo brasileiro. As expressões “crioula suja” e “à medida que ele galgava posição

social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira” mostram-se bem claras quanto ao papel de Bertoleza na construção do enredo: de mera personagem ilustrativa. Ao se referir a Bertoleza como “crioula suja”, há, nesse sentido, uma retomada à figura do negro como alguém sem asseio e não adepto à higiene. Somado a isso, o qualificador “desgraçada” a torna ainda mais assujeitada, desvozeada e, perpetuamente, desqualificada socialmente.

O estereótipo que identificamos nesse fragmento é o do “negro incapaz”, que, nesse caso, parece ser transposto na literatura por intermédio da animalização, processo de transformação do homem em animal irracional, bastante visto na literatura realista nacional. Pela própria condição de não ter a aptidão de raciocinar, Bertoleza parece não evoluir social e mentalmente, o que a faria uma eterna “desgraçada”, nos próprios termos da obra”.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, constatamos que a Literatura e História, enquanto componentes curriculares, são indissociáveis. Nesse sentido, entendemos que a literatura, enquanto expressão artística, retrata o universo humano a partir de um olhar real, ainda que não seja propriamente realista.

Nesse sentido, a construção de estereótipos na literatura nacional é condizente com os diferentes momentos históricos em que foi escrita, apesar de tudo parecer tomar rumos parecidos: a depreciação do negro, bem como sua subordinação, tal como ilustram as análises.

Entendemos também que essa problematização não pode ser de responsabilidade apenas da História e da Literatura, estas vistas enquanto ramificações da ciência. Isso porque a construção de estereótipos é, na verdade, reflexo de um comportamento humano que deve interessar às demais áreas científicas, mesmo que com diferentes enfoques.

Por fim, é necessário repensarmos a respeito desses estereótipos, considerando que, a partir deles, é possível fazer uma análise do pensamento e comportamento humano, o que pode resultar em novas concepções de ver a cultura afrodescendente. Isso, por sua vez, pode resultar em um ensino mais agregador e humanizador.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Currículo: Território em disputa**. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. **A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FONTENELLE, Z. V.; CAVLACANTE, M. P. Práticas Docentes no Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, nº 1, 2020. p. 204-249.
- FREDERICO, C. O Multiculturalismo e a Dialética do Universal e do Particular. **Estudos Avançados**, v. 30, nº 87, 2016. p. 237-254.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES-PEREIRA, B. Relacionando Língua e Cultura no Documentário Língua: Vidas em Português. **Revista Memento**, v. 4, nº 1, 2013. p. 1-14.
- GOMES-PEREIRA, B.; LIMA, B. Q.; FRANCO, I. dos S. B. (orgs). **Língua e Literatura: Interfaces com o ensino**. Pará de Minas: Virtual Books, 2015.
- HANKS, W. F. **Língua como Prática Social: Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo/SP: Cortez, 2008.
- MOISÉS, M. **A Literatura Brasileira através dos Textos**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MOISÉS, M. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- OLIVEN, R. G. Cultura e Modernidade no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, nº 2, 2001. p. 03-12.
- PEREIRA, M. E. *et al.* Estereótipos e Essencialização de Brancos e Negros: Um estudo comparativo. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, nº, 2011. p. 144-153.
- SÁ-SILVA, J. R. *et al.* Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas. In.: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I. 2009.
- SILVA, T. T. da. **Currículo como Fetiche: A poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, V. M. de A. e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.